

# A REFORMA.

PROPRIETARIO E REDACTOR—O BACHAREL ANTONIO DE SOUZA RUBIN

ANNO II

Este jornal publica-se uma vez por semana

Theresina, 26 de Agosto de 1888

Assignaturas—Por anno 8\$000 para capital e 40\$000 para o interior.—Por se. mestre 3\$000 capital e interior.

NUMERO 64

As assignaturas são pagas adiantado, bem como as publicações de interesse particular. Serão recusados os escriptos que não trouxerem a responsabilidade legal. Escriptorio e redacção—rua da Gloria n.º 18.

**O bacharel Antonio Rubin declara não poder exercer a advocacia no interior, visto que os seus deveres como director de Collegio impedem-no de sair desta capital.**

## SOLICITADAS

### Discurso

(Conclusão.)

**O sr. Coelho de Rezende:**—Vou ler o que se passou entre elle e o promotor publico de Pedro 2.º, capitão...

**O sr. Jayme Rosa:**—E' a declaração do promotor, amigo de V. Ex. e empenhado na lucta.

**O sr. Domingues da Silva:**—Então é suspeito.

**O sr. Jayme Rosa dá outro aparte.**

**O sr. Coelho de Rezende:**—Por que? E V. Ex. não o é, contatado um facto publico, e até official, sabido por todos?

Araso a carta que vou ler, e por mim publicada mais de uma vez, foi contestada?

**O sr. Presidente:**—O nobre deputado não pôde dirigir-se aos seus collegas, mas á meza.

**O sr. Coelho de Rezende:**—O que nego é que o presidente tivesse feito ameaças.

**O sr. Ribeiro da Cunha:**—O presidente é um moço criterioso.

**O sr. Coelho de Rezende:**—Só conheço factos em contrario do que V. Ex. diz. E' tão criterioso, que vai administrar uma provincia, e, apenas chega, divide o partido, escangalha-o todo.

Pelo trecho desta carta a Camara poderá avaliar de seu criterio. Digam os imparciaes se tal homem é criterioso (l):

«Logo que cheguei, tive visitas do Dr. Theodoro, que tratou-me do assumpto, a quem declarei não poder acceder aos desejos do Centro: 1.º, porque a junta conservadora competia resolver semelhante negocio; 2.º, porque eu não acreditava no que se dizia de V., e, si alguma cousa em pudesse fazer, era em seu beneficio.

Em seguida, tive a honra de receber outra visita do Sr. major Firmino Pires Ferreira, que convidou-me a ir ao chá presidencial, instando para que eu não deixasse de fazel-o. Pedi-lhe desculpa, por que estava enfadado da viagem, e só no dia seguinte poderia apresentar-me a S. Ex. para receber suas ordens, pois tinha vindo a chamado seu.

Fiquei só no meu quarto, ou-

vindo as pilherias dos jogadores e pensando no motivo com que S. Ex. havia de disfarçar o meu chamado á capital.

No dia seguinte, pelas 12 horas, subi as escadas do palacio, e, fazendo-me annunciar a S. Ex., fiquei na sala de espera. No gabinete, conversava mais de uma pessoa, mas eu nada percebi. Mais logo s'hiu-me o homem a quem eu teria de perguntar pelo presidente, si já não o conhecesse tradicionalmente.

Dirigiu-se a mim, abraçou-me affavelmente, mas eu senti nesse abraço um não sei que de extraordinario, que gelou-me o sangue. Chamou-me á sala das conferencias e alli disse-me que não tinha mandado chamar-me a serviço publico, mas sim para entender-se sobre negocios politicos, pois era eu um empregado sem manchas.

Agradei-lhe tanta fineza, visto que julgava e me julgo pequeno para ser ouvido nos altos negocios politicos da minha provincia.

Respondeu-me que não, que isso era demasiada modestia rainha; que eu era a alma pensante do partido nesta localidade, e, em consequencia disso, me havia chamado.

Creia que, si eu não me conhecesse, me julgaria nessa occasião um grande homem, mas, conhecendo-me e sabendo do caracter do chamado, que era para a imposição de um superior a um inferior, disse-lhe que não, que a minha posição era humilissima, já pelo meu estado de pobreza e já pela fraqueza da minha intelligencia, accrescendo a tudo isto que o meu partido tinha chefe que, antes de mim, já dirigia os seus destinos.

A palavra pobreza animou ao homem e levou-o a patentes-me os seus planos (de accordo com o Centro, dizia elle) trazendo a questão da companhia de vapores, da qual dizia ter sido Vm. advogado mediante ajuste com os adversarios, e mais que Vm. havia trahido ao Conselheiro João Alfredo, na cessão que fez da candidatura para o Dr. Pires Ferreira em Janeiro de 1885.

Quanto á primeira disse-lhe cara á cara que não acreditava. Elle interpellou-me si punha em duvida á sua palavra, quando elle era o primeiro a dizer-me não ter os documentos que eu exigia para poder dar credito á accusação, firmando-se, por consequencia, em ditos dos seus inimigos; eu precisava requerer á companhia uma certidão do contracto com Vm. e do pagamento recebido, sem o que não poderia dar credito ao embuste; que, quanto ao segundo, eu conhecia melhor o facto que S. Ex., visto que quem não quiz o Dr. Pires Ferreira, foi o Centro, dando

esta recusa logar a Vm. se apresentar em logar d'elle.

Disse-me S. Ex. ainda uma vez que eu não arranjiaria certidão, e que, quanto ao segundo ponto, eu estava mal informado, accrescentando que de mim tudo contiava.

Agradei-lhe ainda uma vez, declarando-lhe, porém, que « não constitua a vontade do partido, e que, a constituir, todas votariam em Vm. e como me faltavam forças, o meu voto seria indubitavelmente para aquelle que me acolhera, me dera sua mão, mesmo contra a vontade do Centro, que alimentava a dissidencia desta terra.

Elle então disse-me que resolvesse de cá, e que muito sentiria si se visse na necessidade de demittir-me!

Então foi ou não foi chamado á capital a bem do serviço publico? Negue que foi chamado a bem do serviço publico?

**O sr. Presidente:**—O nobre deputado dirija-se á meza.

**O sr. Coelho de Rezende:**—Como hei de fazer uma pergunta ao nobre deputado sem dirigir-me a elle!

**O sr. Presidente:**—Mas a discussão não pode correr em dialogo.

**O sr. Coelho Rodrigues:**—A pergunta traz resposta, a resposta traz replica.

**O sr. Coelho de Rezende:**—Apesar desta carta que estava em meu poder, apesar de tudo quanto se havia passado, eu não hostilizei a administração do Sr. D. Viveiros de Castro, que quando cheguei a provincia, não teve ao menos a delicadeza de mandar-me um cartão por uma das suas ordenanças, facilitando-me um meio de poder ir comprimental-o e ao contrario continuou a alimentar o rompimento entre mim e o partido, como si fosse esta sua missão administrativa.

Demittia a todos quantos não se submettiam ao centro.

**O sr. Jayme Rosa:**—O presidente não interveio absolutamente no procedimento do partido.

**O sr. Coelho de Rezende:**—Oh! Senhoras, então era um Lyra; que assignava tudo que lhe apresentavam!

**Um sr. Deputado:**—V. Ex. nega o talento d'elle?

**O sr. Coelho de Rezende:**—Não nego, estou convencido de que si elle não fosse tão inexperiente, como é, si não se achasse nas fachas da infancia, si não achasse quem o illudisse, levando-o a praticar o desacerto que praticou, elle seria um bom presidente. (Apartes.) Não estou pondo em duvida o seu talento; estão satisfeitos?

**O sr. Coelho Rodrigues:**—Faça-lhe justiça ao menos por este lado.

**O sr. Coelho de Rezende:**—Eu faço justiça a todos. V. Ex. talvez

por isso não possa gostar das minhas apreciações; o que, porém, não fiço é desviar-me do caminho da verdade quando tenho de fazer apreciações; como as que sou forçado a fazer. Sr. presidente, a carta que li, foi publicada logo depois da demissão...

**O sr. Jayme Rosa:**—O presidente o exonerou para nomear o Dr. José Vicente de Figueiredo.

**O sr. Coelho de Rezende:**—E' uma outra falsidade. V. Ex. seja cavalheiro, como eu sou, conte a cousa como a cousa é. (Apartes.)

Mandaram solicitar do Dr. José Vicente de Figueiredo uma petição para o logar desse moço; mas aquelle respondeu que não se prestava a isto, e, apesar da sua recusa formal, o brioso e independente promotor foi demittido, sendo elle o nomeado.

**O sr. Jayme Rosa:**— Isto foi combinado depois da exoneração.

**O sr. Coelho de Rezende:**—Mas elle foi chamado antes, porque depois da demissão já não era possível submettel-o pela ameaça.— Quando começou a derribada do criterioso presidente nem as mulheres escapavam. Uma distincta senhora, que occupava em Pedro II o logar de agente e o seu adjunkte, filho da mesma, foram com o brioso promotor decapitados.

**O sr. Jayme Rosa dá um aparte.**

**O sr. Coelho de Rezende:**— Isso não lhe aproveita. V. Ex. não é mais amigo do Dr. José Vicente do que eu.

Assim, senhores, que as cousas chegaram a este pé, alliei-me aos liberaes.

**O sr. Jayme Rosa:**—Ah! Alliou-se ao partido liberal.

**O sr. Coelho de Rezende:**—E pensa V. Ex. que eu sou capaz de negar aquillo que faço? Faça hoje, hei de fazel o amanhã e toda a vida, se for preciso, porque não reconheço em ninguem o direito de machucar-me sem que eu procure reagir. Sim, alliei-me ao partido liberal. No Piahy os districtos dão 9 deputados provinciaes, votando o elector, portanto, em 6 candidatos. Entre os da chapa conservadora, tres faziam-me a guerra nos termos da propaganda da infamia, pondo em acção tudo quanto podia marear minha reputação.

Pois bem, em vez de dous matei tres. Eis a razão porque a Assembléa Provincial tem actualmente maioria liberal.

**O sr. Jayme Rosa:**—Consequencia do seu procedimento.

**O sr. Coelho de Rezende:**—O meu procedimento foi em represalia á exclusão e ao habeo infame que me atiraram. Queixem-se, pois, do seu egoismo, de sua inepticia. (Apoiados.) Então queriam contrariar-me, iofamar-me, e eu deveria agachar-me e dizer:—Yo-

yo, aqui está a outra mão para você dá? (Riso). Estão enganados, nós havemos de ir todos para o fundo. S'hi eleito quasi pelo duplo da volação.

**O sr. Jayme Rosa:**—Apoiado pelo partido liberal.

**O sr. Coelho de Rezende:**—Eu já vou tirar-lhe esta embofia.

**O sr. Presidente:**—Essa palavra não é parlamentar.

**O sr. Coelho de Rezende:**—Embofia tambem é injuria?

Pois está retirada a embofia. (Riso).

Eu fui eleito por 760, e o mais votado dos conservadores teve 516, o segundo 514 e o terceiro 512.

**O sr. Domingues da Silva:**— Isso só prova a imparcialidade do presidente.

**O sr. Coelho de Rezende:**—O que havia elle de fazer? V. Ex. pensa que ainda estamos no tempo em que se espingardeava na igreja?

O sertanejo do Piahy já se não intimida com os apparatus bellicos. Os amigos, que ficaram-me fiéis, não têm medo das ameaças do governo e dos seus auxiliares. Nelles tenho eu a minha força.

**O sr. Coelho Rodrigues dá um aparte.**

**O sr. Coelho de Rezende:**—Mas V. Ex. não imagina o que houve de corrupção, de sedução, de imposições! Tudo se fez! Foi demittido um official de descarga da Alfandega, foi removido o 1.º escripturario...

**O sr. Jayme Rosa dá um aparte.**

**O sr. Coelho de Rezende:**—Sim, vamos liquidar a contagem dos votos. Os liberaes mais votados tiveram 450 votos, creio, inclusive os votos conservadores, que nellos mandei descarregar.

Comparando se a volação liberal e a volação conservadora, vê se que eu fui eleito quasi por unanimidade. Houve até um collegio, o da União, de onde o capitão Benedicto do Rego, meu amigo, me escreveu dizendo:—«Nós não queremos brigar com o governo, você não precisa dos nossos votos, deixe por consequencia que lhe dêem aqui 12 votos somente como signal de confiança, e para o futuro seremos teaes.» Eu mandei dizer que sim.

**O sr. Jayme Rosa dá um aparte.**

**O sr. Coelho de Rezende:**—Essa informação está de accordo com o que eu digo. Para que vem, pois, o seu aparte intempestivo?

**O sr. Jayme Rosa:**—Intempestivo não; muito opportuno.

**O sr. Coelho de Rezende:**—Na vespera da eleição reñniu-se o electorado, e uns 30 electores declararam que não aceitavam lista que não tivesse o meu nome. Era a patuléa, a arrata miada; é a minha gente, aquella que não costuma

mer, e, como eu sou pequeno, vou sempre com ella. O capitão Benedicto do Rego, para tranquillisar-os, exhibiu minha carta, lendo a minha autorisação. Pois, apesar disso, eu tive 16 votos dos conservadores, que não se submeteram à junta.

Agora vamos ver a differença. Tu tive 760 votos; os conservadores mais votados tiveram 500 e tantos, o liberal mais votado teve 450 votos.

O sr. Jayme Rosa:—V. Ex. está enganado. Houve dous liberaes que tiveram votação quasi igual à sua, de 500 a 600 votos.

O sr. Coelho de Rezende:—Eu tenho aqui tudo apontado, e tudo isto ha de vir para estas bancadas.

O sr. Coelho Rodrigues:—Pois era melhor que não viesse.

O sr. Coelho de Rezende:—Pois ha de vir. Eu tenho aqui tudo muito bem encadernado... a Epoca de um lado e a Reforma do outro. Vamos a ver como procederam no dia e depois da eleição.

Feita a eleição em dous collegios, onde ha serviço telegraphico, o collector de um dellas passou telegramma a um centrista, dizendo: Parabens. Rezende 95 votos.

Os srs. Jayme Rosa e Coelho Rodrigues dão apartes.

O sr. Coelho de Rezende:—Foram demittidos Raimundo Mendes promotor publico da comarca de Pedro 2.º e muitos outros funcionarios, e removido meu particular amigo, José Thomaz Coelho Bastos, 1.º escripturario da Alfandega da Parnahiba, arrancado à sua repartição na vespera da eleição.

O sr. Coelho Rodrigues:—Foi por accesso e por pedido do centro.

O sr. Coelho de Rezende:—Como é innocente! Graças a Deus escapou-lhe esta? Tiraram-no de um logar da Alfandega, onde tinha porcentagem que tornava seus vencimentos vantajosos...

O sr. Coelho Rodrigues:—Não sabia disto; e por isso pedi ao Ministro que fizesse a nomeação d'elle.

O sr. Jayme Rosa dá um aparte.

O sr. Domingues da Silva:—Já vê que o accesso foi dado com boa intenção.

O sr. Coelho de Rezende:—Podia dizer-lhe quando perseguiram em nome de Deus, como os jesuitas: Seja tudo ad majorem dei gloriam.

Chegada à provincia a noticia telegraphica da remoção, o sr. Manoel da Paz passou telegramma para Sobral e d'ali para Camocim, transmittindo aos amigos da Parnahiba a boa nova...

O sr. Coelho Rodrigues dá um aparte.

O sr. Coelho de Rezende:—V. Ex. não pode fazer epigrammas desta ordem, deve discutir seriamente.

O sr. Coelho Rodrigues dá outro aparte.

O sr. Coelho de Rezende:—Pois bem, nem as mulheres escaparam, e uma senhora...

O sr. Coelho Rodrigues:—Tambem votou?

O sr. Coelho de Rezende:—Não votou, mas votou o filho que era seu ajudante, como já se disse.

A derribada foi completa, attingindo ao collector de Campo-maior...

O sr. Jayme Rosa:—São factos posteriores à eleição: a demissão dos dous collectores foi baseada em proposta do inspector que tem mais competencia do que v. exc. para julgar.

O sr. Coelho de Rezende:—Foi

demittido sob proposta do inspector que é chefe, que é o 1.º. mechedor da panellinha, que affirmou na proposta de demissão do collector de Campo-maior, funcionario honestissimo, uma falsidade, conforme este demonstrou sob sua firma...

O sr. Coelho Rodrigues dá um aparte.

O sr. Coelho de Rezende:—Foi porque o centro exigiu como desaffronta do telegramma.

Eu vou ler o artigo, e a Camara verá que mais depressa se pega um mentiroso do que um coxo. (Lê):

«O ex-collector de Campo-maior e o sr. dr. inspector do thesouro provincial.—A proposta de minha demissão de collector deste municipio, apresentada a fuão Viveiros de Castro pelo illustre sr. dr. inspector do thesouro provincial, Gabriel Luiz Ferreira, publicada na Pagina Conservadora da «Reforma» n. 47, demoveu-me a quebrar o proposito que sempre mantive de não recorrer à imprensa para explicar os meus actos como funcionario publico, attenta à moderação, honestidade e zelo com que me orgulho de ter sempre cumprido os meus deveres; defendendo-me somente perante meus superiores contra qualquer banal accusação.

«A demissão que me foi dada pelo pygmeu, a quem nunca tive (e nem almejo) a honra de conhecer, não me offendeu de maneira alguma, porque, como eu, muitos outros conservadores puritanos foram victimas do actual presidentesinho que nesta provincia só tem distinguido-se pela scisão profunda que tem plantado no seio do partido, e pela gelosidade.

«Ao contrario, estou muito satisfeito porque fui exonerado de um logar que somente exercia por considerações ao meu distincto e prestimoso chefe, tenente-coronel Costa Araujo, que por mais de uma vez exigiu a minha continuação nelle. E depois a causa primordial da minha demissão honra-me sobremaneira por que fui um dos bravos que acompanharam o altivo e independente eleitorado do 2.º districto na estrepitosa campanha eleitoral de 31 de Janeiro, da qual sahi coberto de triumphos o festejado e distincto deputado por este districto, exm. sr. dr. Coelho de Rezende.

«Presando, porem, os creditos de cidadão particular, como de funcionario publico, não posso deixar de protestar bem alto perante o partido conservador do 2.º districto contra a acintosa proposta do sr. inspector do thesouro, dr. Gabriel, que, sendo chefe de uma repartição publica, deve presar e acatar os creditos dos seus subalternos, de mesmo modo que estes procedem para com s. s., que so poderá ser superior a mim em dinheiro e intelligencia, mas nunca em honestidade, zelo e exacção no cumprimento de quaesquer funcções publicas.

«A proposta do sr. dr. Gabriel é offensiva aos meus brios, porque, ao passo que, durante a minha serventia, nunca recebi de s. s. a menor admoestação, censura, etc., diz s. s. na sua caprichosa proposta: que eu me mostrava pouco solícito no cumprimento de suas ordens, como negligente na cobrança da divida activa.

«Nem com tanta sede ao pote, nem com tanta fome ao prato, respeitável sr. doutor.

«Se s. s. exhibir em publico ordem compellindo-me ao cumprimento dos meus deveres, ou outra falta qualquer que justifique os porques da sua proposta, então ter-se-á justificado perante o publico de que não me demittiu por causa do votinho.

«Se o illustre sr. dr. Gabriel reflectisse melhor e não se deixasse levar pela vontade do homem da gruta dos Remedios, não seria capaz de offender em uma peça official a um seu correligionario e subalterno probo e que sempre teve para com s. s. sentimentos de respeitosa veneração.

Fazel o, porem, como fez, faltou a verdade e desconsiderou ao meu che-

fe, tenente-coronel Costa Araujo, a quem já de ha muito procurava o centro desmoralisar para erguer-se o pavilhão de um segundo partido conservador neste municipio, impossivel diante do prestigio do nosso chefe.

«Passarei a explicar o que se deu antes de minha demissão.

«Aproximando-se a eleição provincial ultima, recebi por mais de uma vez recados do sr. capitão José Martins Teixeira, membro do centro que se diz conservador, ameaçando-me com demissão, caso eu volasse no exm. sr. dr. Rezende, candidato extra-chapa, e, acompanhando aos meus chefes que com todo o eleitorado conservador deste municipio apoiavam com fervoroso entusiasmo a candidatura do dr. Rezende, votei nelle e telegraphiei ao sr. capitão José Martins, participando-lhe a brilhante votação que aqui obtivera o candidato extra-chapa.

No outro dia recebi este telegramma: «Francisco Rodrigues Monteiro. Pazames.—Zumba.»

«Era a realisação da audaciosa ameaça do sr. Zumba; eu estava demittido!

«Que ostentação de poder e que vergonha para o sr. dr. Gabriel, deixando-se sacrificar por homens que ainda hontem atiravam-lhe os pés e o insultavam por beccos e viellas.

«E s. s. caro doutor, não terá remorsos da sua fraqueza e da sua falta de escrupulos quando fez a sua collosal proposta?

«S. S. foi mais adiante: confirmou ainda sob sua firma na «Epoca» n.º 499, em defeza do pequeno pollegar, o que dissera em sua infeliz proposta.

«Risum teneat!»  
«Diga-me, dr., qual foi a ordem transmittida por s. s. que fui pouco solícito em cumpril-a?

«Qual a divida activa cobravel que fui negligente em promover a respectiva cobrança? Não existe uma só na collectoria desta villa, por quanto todas cobrei com solícitude.

«S. S. podia e devia mesmo propper a minha demissão porque dei um voto de consciencia e de harmonia com os legitimos interesses do meu partido ao dr. Rezende, chefe conservador de grande merecimento e geralmente sympathizado e estimado em toda a provincia; mas o que devia repellir a sua moral e reputação, caro dr., era a offensa dupla que me atirava sem respellar ao meu amor proprio.

«Mas, não; era preciso que ficasse bem assentado, para exemplo meu e dos demais funcionarios publicos, que essa classe não tem independencia, quando um governo, embora despotico e antipathizado, manda que ella curve a cerviz.

«Fiquem, porem, os srs. satrapas de palacio e dr. Gabriel sabendo que erraram o alvo, porque sou homem que não curvo o dorso ante a passagem de qualquer destructavel ou pedante com foros de fidalgo.

«A demissão que me deram foi somente uma traição politica e injustificavel desconsideração ao meu prestimoso chefe conservador deste municipio, tenente-coronel Costa Araujo, q' sobre ella não foi ouvido.

«Lavrado, pois, como fica perante o nobre e independente partido conservador do 2.º districto o meu protesto contra o ataque feito aos meus creditos de funcionario publico pelo sr. dr. Inspector do Thesouro, aqui me acho no meu posto de honra sem temer futuras ameaças que só amedrontam aos cobardes.

«Deus não podia fazer cousa melhor neste mundo do que um dia depois do outro.

«Até lá, carissimo doutor.

«Campo-maior, 13 de Abril de 1888.—Francisco Rodrigues Monteiro»  
O sr. Domingues da Silva:—Essa folha é órgão liberal?

O sr. Coelho de Rezende:—Não o diz o frontespicio, mas, seja liberal ou republicana, quem escreve o artigo é um cidadão brasileiro, fel-o sob sua firma.

O sr. Jayme Rosa:—De que data é o jornal?

O sr. Coelho de Rezende:—E' de 28 de Abril.

O sr. Jayme Rosa:—Elle foi exonerado creio que a 2 de fevereiro; o artigo tem, portanto, mais de dous mezes. Depois, não sei se o inspector já deu resposta.

O sr. Coelho de Rezende:—Não deu até hoje; e que resposta elle poderia dar a quem falla com tal segurança? Foi demittido por me ter dado o votinho. (Riso.)

Ultimamente, para o collegio de Periperi, onde meu mano por generosidade dos amigos é chefe conservador, um portuguez, que em transito se achava em Theresina, passou telegramma para aquella villa, offerecendo a chefia do partido ao major João Bandeira da Silva, sub chefe do partido e muito amigo do dito meu mano.

O sr. Jayme Rosa:—V. Ex. falla desportuguez com desdem; já foi dos seus amigos.

O sr. Coelho de Rezende:—V. Exc. talvez já me apreciou e hoje diz que eu me vendi. Este mundo é assim mesmo. Os amigos vão e vem conforme as circumstancias e os tempos.

O tal sujeito passou o telegramma, offerecendo a chefia do partido ao major João Bandeira da Silva, que o mandou bater à outra porta. Então dirigira-se a um dos chefes do partido liberal, que andava um pouco estremeado com os seus, offerecendo-lhe as posições officiaes e a chefia do partido conservador; mas elle respondeu que era liberal, e por isso não queria graças com os Pachecos.

Apesar destas repulsas, não desanimaram; era preciso demittir o collector do Periperi, mas não encontraram a quem corromper; para substituil-o mandaram vir de outro termo um dos candidatos manquês, nomearam-n'o collector da villa do Periperi, demittindo o honesto funcionario pelo crime de ser leal e honrado!

Outro facto caracteristico da administração do sr. Viveiros de Castro: abre-se concorrência na Thesouraria de Fazenda para um logar de 2.º escripturario; concorrem dous praticantes da mesma repartição e um 2.º escripturario da alfandega da Parnahiba; é collocado em primeiro logar o joven Jugurtha José Couto, que, alem de ter todos os preparatorios, e, por consequente, achar-se habilitado para cursar qualquer das Faculdades do Imperio, é conservador, muitissimo intelligente e expedito, tão expedito como não ha outro na repartição.

E' elle collocado em primeiro logar na classificação do concurso; taes são suas habilitações que o inspector da Thesouraria, apesar de muito amigo do Centro, não pôde deixar de indical-o á nomeação provisoria do presidente.

O presidente da provincia, por sua vez, não podia deixar de realizar essa nomeação, porque assim lhe impunha o regulamento; mas o que fez?

Não podendo nomear o outro, mais moderno e collocado em segundo ou terceiro logar, envia o resultado do concurso ao governo sem fazer a nomeação.

Note-se que o moço é do 1.º districto e tem sempre votado na chapa conservadora. Pergunto: só porque elle é meu amigo, deve pagar este grande peccado, soffrendo tão injusta preterição?

O sr. Coelho Rodrigues:—Mas elle já pagou? já foi preterido?

O sr. Coelho de Rezende:—Lá foi; aqui não o foi ainda, e não o será, si o honrado Ministro tiver de attender aos requisitos legais.

O sr. Coelho Rodrigues:—Logo, o nobre deputado está fazendo accusações ad futurum.

O sr. Coelho de Rezende:—Não, senhor. Eu censuro a parcialidade do criterioso presidente da provincia. O regulamento impunha-lhe a nomeação provisoria do praticante alludido; o governo então que aquilattasse aqui como quizesse o merecimento dos candidatos.

O sr. Jayme Rosa:—Creio que foram todos collocados em igualdade de circumstancias; foram todos approvados plenamente.

O sr. Coelho Rodrigues:—Neste caso a abstenção do presidente foi até uma prova de imparcialidade. (Ha outros apartes.)

O sr. Coelho de Rezende:—Quanto ao grão de approvação dos concurrentes, ignoro; mas é certo que o praticante Jugurtha Couto foi collocado em 1.º lugar e proposto pelo inspector, naturalmente porque a seu favor militavam outros requisitos.

O sr. Jayme Rosa dá um aparte.

O sr. Coelho de Rezende:—Bom; o seguinte facto, unido ao primeiro, vae

demonstrar mais uma vez como é justiceiro e bom politico o sr. Viveiros de Castro.

Morrendo o 1.º escripturario daquelle Thesouraria, capitão Raymundo Freire, compete substituil-o o 2.º escripturario mais antigo, que é o cidadão Apolinario Monteiro da Cunha, conservador, mas que tem o crime de ser rezendista.

O sr. Domingues da Silva:—São os seus partidarios?

O sr. Coelho de Rezende:—Não sei; são os meus amigos. Não tenho partido no 1.º districto, por que ali não preciso de votos ao menos por agora.

O sr. Coelho Rodrigues:—Mas não são alliados com os liberaes?

O sr. Coelho de Rezende:—Si V. Ex. se refere a mim, eu fui tanto alliado dos liberaes como V. Ex. o foi em 1872.

O sr. Coelho Rodrigues:—Mas não dei um voto a liberal. Faça o favor de dizer si dei.

O sr. Coelho de Rezende:—Disso é que não sei; o que sei é que V. Ex. fez parte da chapa dos liberaes; sei mais que V. Ex. redigiu a acta antes da suspensão da Camara, que lhe expedia diploma e ao Sr. Doria.

O sr. Coelho Rodrigues dá um aparte.

O sr. Coelho de Rezende:—Eu dei os votos porque, se os não desse, elles não me dariam os seus. V. Ex. teve a felicidade de obter votos sem dar votos; o mesmo não me aconteceu. Eu dei votos e darei sempre que estiver nas mesmas condições.

O sr. Jayme Rosa dá um aparte.

O sr. Coelho de Rezende:—As cousas se conseguem por bons modos, não é impondo-se, infamando-se o nome e a reputação alheia. Já se disse que eu cedi uma candidatura, que essa candidatura foi vendida por 13:000\$, e, no entanto, não possuo nada, gasto tudo quanto ganho, vivendo com a maior parcimonia, ao passo que V. Ex. que veio para aqui outro dia, já tem 20:000\$ nas aguas de Nitheroy!

Digo isto sem querer attingir á sua probidade.

O sr. Jayme Rosa:—Felizmente ella está acima de toda a supeita.

O sr. Coelho Rodrigues e outros Senhores:—Apoiado.

O sr. Torres Portugal:—A do orador não o está menos.

O sr. Jayme Rosa:—Agora quizera ter este dinheiro todo de que V. Ex. me dá como possuidor.

O sr. Coelho de Rezende:—Estava eu tratando do 1.º escripturario que morreu; abriu-se a vaga, que deve ser preenchida pelo 2.º escripturario mais antigo, que, além do merecimento, é conservador; mas este tem o crime de ser rezendista, e, por isso, apesar do presidente do Piahy ser um hom partidario, propoz e instou pela nomeação do mais moderno, que é liberal.

O sr. Coelho Rodrigues:—O presidente do Piahy é muito bom conservador; si elle propoz um liberal e não um conservador é porque o liberal vale mais e f-z muito bem.

O sr. Coelho de Rezende:—E' tão bom conservador que demitte empregados do partido pelo modo porque V. Ex. sabe. (Trocam se apartes.)

O candidato liberal pode ser tanto, mas com certeza não é nem mais probo e nem mais assiduo e pratico que o conservador, que tem por si, além da qualidade politica, o requisito da antiguidade.

A qualidade politica não pode ser despresada por um presidente que procure levantar e não abater e estrangular o partido, do qual é delegado.

O sr. Coelho Rodrigues dá um aparte.

O sr. Coelho de Rezende:—V. Ex. sabe porque se deu isso?

Os srs. Jayme Rosa e Coelho Rodrigues dão apartes.

O sr. Coelho de Rezende:—O que é verdade é que os meus amigos ainda continuam debaixo da pressão da presidente.

Eu sei que estou fatigando a V. Ex. Sr. presidente, mas sempre direi que, fazendo a pergunta que fiz ao governo, não tenho a velleidade de suppor que o presidente vae ser demittido e até, para tranquillidade dos nobres deputa-

dos, como, a velhinha de Siracusa, vou fazer votos aos céus para que elle continue na administração da provincia, porque estou convencido, pelo rumo que as cousas levam, que o ultimo será sempre peor do que o penultimo. (Muito bem; muito bem.)

### Os destruidores de honra e os cobardes de hoje.

A «Epoca», esse jornal repudiado por quasi toda a provincia desde o rompimento intempestivo com o seu fundador e principal redactor nos tempos da ultima situação liberal, o nosso distincto e respeitavel chefe, exm. sr. dr. Coelho de Rezende, de quem hoje recebe a esmola de que a alimenta e faz calar ante diversos actos que hontem a obrigavam a bater palmas, tem assumido uma posição diante da administração do honrado e criterioso vice-presidente, exm. sr. dr. Licinio Soares, que bem demonstra que os seus follicularios só são intrepidos e destruidores quando senhores das boas graças do governo.

Incapazes de sustentar com a dignidade e altivez do exm. sr. dr. Coelho de Rezende uma lucta franca como manteve o nosso illustre chefe na administração do sr. dr. Viveiros de Castro, os redactores da «Epoca», sem a precisa dignidade para atacar a administração do exm. sr. dr. Licinio, a quem já não tratam por amigo, lançam a responsabilidade de todos os actos do illustre administrador a conta do nosso chefe dr. Coelho de Rezende para assim dar uma pequena e fraca satisfação aos seus amigos e não perder a esmola da subvenção.

Estão realmente representando um bonito papel os potentados de hontem e os servís de hoje!

Não era sem conhecê-los que o exm. dr. Rezende quando no maior ponto da lucta infamante, que lhe abriram os homens do centro, dizia-lhes: « Ainda espero tel-os a meu soldo. »

Está realisada a propheta do illustro deputado do 2º districto, que tem bastante dignidade para não receber de um governo adversario o menor favor.

Quem viu hontem o sr. Capitão José Felix assignar todos os protestos, cartas, & do centro não pode deixar de admirar-se da premeditada suppressão da sua assignatura no pallido protesto contra a administração do exm. sr. dr. Licinio, pelo facto de ser o contractante do expediente, que vai alimentando a «Epoca.»

Como sabe a provincia toda, o centro onça desconhece a chefia do dr. Rezende e proclama a do sr. dr. Coelho Rodrigues e ultimamente a do sr. Jayme Rosa, e, no entanto, apesar dos seus dois idolos estarem em franca opposição ao patriótico gabinete 10 de Março, que enchotou o ultimo do lugar de secretario da camara, tem o cynismo e a baixesa de appellar para a vinda do futuro Presidente por manter a convicção de que elle seja um Viveiros de Castro!

De taes homens, que dançam conforme toca-se, tudo esperamos.

Não duvidamos mesmo que todos ellas compareçam ao desembarque do dr. Coelho de Rezende e lhe estendam a mão para apertar.

Esta nossa convicção sobe de ponto quando vemos a «Epoca» dar ingresso em seu ultimo n.º a um protesto dos chefes conservadores de B. Jesus sobre a demissão que o sr. V. de Castro praticou do agente do correio Beliza-

rio. De sorte que pelo facto de já não ser Presidente o filbote maranhense, os seus actos bons ou maus podem ser hoje criticados e reprovados nas columnas da interessante «Epoca.»

Achamos muita graça na bajulação vergonhosa que a «Epoca» apresentou ao nosso distincto amigo, capitão Guilherme, uma das muitas victimas da arma traiçoeira e perfida dos altareiros de hontem, quando é certo que não mereceu elle uma noticia da sua partida para a Parnahyba. Já não se recordam que depois de o terem recommendado á deputação na Corte para ser nomeado para o cargo de Inspector da Thesouraria, telegrapharam ás occultas ao sr. Coelho Rodrigues dizendo: Nomeação Guilherme Inspector Thesouraria inconveniente e em hypothese alguma!

Ninguem melhor conhece a gente da «Epoca» do que o capitão Guilherme que já a retratou pessoalmente por occasião do celebre rompimento com o dr. Jansem Mattos, ficando desde então condemnado á força.

Não creia a «Epoca» que com os seus sermões de lagrimas curas as profundas chagas, que abriu na familia conservadora.

Ao passo que querem fazer vencer ao partido por certos subterfugios, que são victimas do dr. Licinio, de quem não esperavam essas injustiças que ha praticado, não têm a franqueza de dizer que antes de qualquer acto do exm. sr. dr. Licinio e antes mesmo de s. exc. assumir a direcção da provincia, já todos os figurões do centro, reduzidos actualmte ao fatal numero 7, que nos fazem lembrar os 7 infantes de Lara, o trahiam miseravelmente insistindo pela sua destituição dos importantes cargos que, em proveito da provincia, occupam, e abstiveram-se de apresentar-se no cortejo da sua posse, apesar de inteirados della na vespera, confirmando desde logo o seu desagrado ao illustro vice-presidente.

E vem esses tartufos dizer-nos que não tiveram conhecimento do dia e hora da posse, e que esta não foi precedida dos convites officiaes!

Já declaramos que o centro teve conhecimento de vespera do dia em que o exm. sr. dr. Licinio ia tomar posse e agradeceremos que até o sr. Viveiros de Castro notou por mais de uma vez ao dr. Licinio a falta do comparecimento dos homens do centro que pelo menos aparentemente diziam-se amigos do sr. dr. Licinio.

A falta observada pela «Epoca» de convites officiaes não procede, e vem até em nosso favor.

Pois então a gente da «Epoca» só comparecia pela obrigação do cargo?

Assim parece, porque tendo particularmente sciencia da posse, dia e hora, a ella deixou de comparecer, e hoje para defender-se compromette-se ainda mais dizendo que não esteve presente pela falta de convites officiaes.

E' impagavel a «Epoca»!

Deixal-a cumprir o seu triste fado.

A Phalange Macedonia

### Escola de Aprendizizes

O commandante da Escola de Aprendizizes Marinheiros, 1º tenente José Augusto Damazio, capitaneado pelo chefe da fracção politica do 1º. escripturario da Alfandega, Egídio Motta, cada dia revela a sua incapacidade para o im-

portante cargo de que se acha revestido.

Das columnas deste jornal temos por mais de uma vez chamado a attenção dos poderes publicos para as arbitrariedades e violencias commettidas por esse estonteado official que tem desenvolvido as mais terriveis perseguições aos membros mais importantes do partido conservador da Parnahiba, com o fim, diz elle, de abater o prestigio do nosso prestimoso chefe, exm. sr. dr. Coelho de Rezende.

Em maio ou junho do corrente anno multou elle o nosso correlligionario João Dias da Silva Cutrim, fornecedor de pães da Escola, no valor correspondente ao fornecimento de um mez; porque não julgou bons os pães fornecidos em certo dia. O nosso amigo requereu em juizo a nomeação de peritos para examinares os pães, que foram considerados de 1ª. qualidade e recorreu a Presidencia do despacho do sr. Damazio.

O exm. sr. vice-presidente da provincia deu provimento ao seu recurso e; chegando essa noticia ao conhecimento do sr. Damazio, este multou novamente ao sr. Cutrim!

Tem sido esse o systema adoptado pelo destemido official para arredar das concurrencias de fornecimento todos aos nossos amigos da Parnahiba.

Não cifra-se só nisto a falta de respeito do sr. Damazio á administração. Tendo a Presidencia dispensado o medico portuguez dr. Sampaio das visitas que fazia a Escola, e encarregado dessa commissão ao distincto clinico, dr. Marques Bastos, o suizo commandante, alem de recusar-se a chamar o dr. Bastos, quando são precisos os seus serviços na Escola, acaba de representar, segundo somos informados, contra o honrado administrador da provincia.

Esses actos de desobediencia mostram a impossibilidade de continuar a commandar a Escola o tal sr. Damazio, que tem a restricta obrigação de acatar os actos do governo e não plantar a indisciplina, revelando-se um official insubordinado e violento.

Denucciando aos poderes publicos as violencias praticadas pelo sr. Damazio, confiamos que o exm. sr. dr. Firmino Licinio lhe imponha as penas a que está sujeito.

A Phalange Macedonia.

### Com vista ao sr. Inspector do Thesouro Provincial

O devedor da Fazenda Provincial, Jeronymo Marcellino Ferreira de Araujo, da Batalha, que se acha em boas condições pecuniaras, com o fim de eximir-se do pagamento de alguns mandados executivos contra si, anda obtendo attestados nesta villa para provar estado de miseria, &. No entanto, o mesmo Jeronymo tem porção de gados, casa de telha e terras e é vaqueiro de uma boa fazenda denominada—Onça, no termo da Parnahiba.

Fazemos essa prevenção ao sr. inspector do Thesouro para que não seja lesada a Fazenda Provincial.

Batalha, 3 de agosto de 1888.

Os zeladores do fisco

### Distincção merecida

O Governo Imperial agraciou o nosso presado amigo tenente José Fernando Alves, intelligente pro-

fessor publico de Campo-maior, com o habito da Rosa, pelos relevantes serviços prestados por occasião do recenseamento.

Foi uma distincção muito merecida, porquanto o tenente José Alves, alem do serviço do recenseamento, foi sempre um denodado sectario da causa da abolição para a qual muito concorreu libertando todos os escravos que possuía.

Applaudimos o acto do patriótico gabinete 10 de Março, e ao agraciado apresentamos as nossas felicitações.

A Phalange Macedonia.

### Manifestação de apreço

Damos publicidade á carta abaixo dirigida ao nosso distincto amigo, capitão Henrique Guilherme dos Santos, por diversos cavalheiros importantes da cidade da Parnahiba por occasião de offerecerem-lhe uma esplendida soirée no Hotel do Commercio.

Deixamos de publicar em seguida a manifestação honrosa que lhe foi feita pelos empregados da Alfandega por estar ella incluída em outra parte deste jornal.

A Phalange Macedonia

«Parnahiba, 7 de agosto de 1888

Illm. Sr. Capitão Henrique Guilherme dos Santos.

Os abaixo assignados, constituidos em commissão especial, vêm pedir venia a v. s. para, em attenção ao modo altamente honroso por que se houve v. s. no desempenho do importante cargo para o qual fora commissionedo nesta cidade, offerecer-lhe uma pequena soirée que terá lugar amanhã ás 8 horas da noite no Hotel do Commercio.

E' excusado dizer que o pouco tempo, que permaneceu v. s. nesta cidade, foi bastante para conquistar as sympathias do povo parnahibano.

Digne-se, pois, v. s. aceitar essa modesta, porem significativa prova de apreço a v. s. externada, convicto de que é ella filha da espontaneidade e impellida simplesmente pelas excellentes qualidades que o distinguem.

Somos com estima

De V. S.

Amº. Attº. e Croº.

Paulo Roberto Singlehurst  
Joaquim A. do Amorim Fº.  
José Vicente de Figueiredo  
José Thomaz Coelho Bastos  
Felippe Gomes Neves

### Doutor Mangirioba

Consta nos que esse typo, fidalgo do cabello zangado e cassuta do centro onça, diverte-se por ahí alóra em dizer que o mesmo centro não desce a discutir com a Phalange, porque não sabe quem ella é, d'onde veio, para onde vae e o que quer.

Sem desejar discutir com o centro onça, por que isto nos repugna, vamos todavia dizer quem é a Phalange e dar sobre ella os outros esclarecimentos que finge ignorar esse centro de borra com pretensões a fidalgo.

A Phalange é a parte sã do partido conservador do Piahy; repelle o dominio oncifero, porque vé n'elle, cujo morphetico e nocivo contacto evita, o ludíbrio e des-

honra do seu partido: não veio de parte nenhuma, porque teve a sua origem na provincia e não é mercadoria avariada, importada de Caxias; não vae para nenhuma parte, porque impoz á si mesmo a obrigação de estar aqui para se oppor ás sandices e desmandos do centro onça e pugnar pela estabilidade, união e pujança do partido conservador, que o mesmo centro procura dissolver; e quer a chefia do dr. Coelho de Rezende, que só vale mais do que todo esse centro impo- stor e demoralizado, visto como é ella a unica capaz de restabelecer e salvar a honra e dignidade do partido ludibriado por alguns aventureiros especuladores.

A Phalange Macedonia

### Aos srs. Alexandre Primo e Dario Lopes, das Barras.

No «Telephone» de 10 de Julho ultimo, os srs. Alexandre Primo e Dario Lopes exhibiram-se com um artigo contra mim, chamando a attenção de s. exc. o sr. Presidente da provincia, do chefe de Policia e d'outras autoridades, no qual esses srs., com o fim de afearem-me perante o publico, não trepidaram em mentir e caluniar descaradamente, como se a mentira e a calumnia escripta não podessem ser refutadas, maxime quando têm por fim intenções illicitas de extorquir o que é alheio.

Dizem esses srs: que tendo fallecido minha mulher, d. Helena R. de Medeiros, deixando bens de fortuna, eu, como cabeça de casal, tenho me negado a fazer inventario, quando é certo que, alem de terras e outros bens, existem 40 cabeças de gado vaccum.

Quanta inexactidão!

Por duas vezes já fui a Campo-maior para fazer arrolamento dos poucos bens que existem, os quaes são os seguintes: 1 cavallo, 1 egoa, 1 casa pequena de telha com paredes de taipa, em mau estado e 80 e tantos mil reis em terras.

Em dividas: cento e tantos mil reis, em mão do sr. Alexandre Primo, 80\$ em mão do sr. Dario Lopes; 4 cabeças de gado vaccum e 40\$ em mau do sr. Vencesláu Lustosa.

Entretanto, apesar do convite que fiz aos herdeiros, nem um só compareceu e eu retirei-me sem fazer o arrolamento, pela ausencia dos herdeiros, por me dizerem os homens de Campo-maior que não valia a pena fazer, quando as despesas seriam superiores ao valor dos bens.

O sr. Alexandre Primo e Dario Lopes foram chamados; e para que comparecessem, procurei a intervenção d'um parente em Piri-piri, como o sr. Alexandre não poderá negar.

E por que não comparecerão?

Porque não querem dar á collação o valor de suas dividas. Esta é que é a verdade. Por isso quando quiserem appareçam, mas sem barulho, sem matizada, que o arrolamento será feito; na certeza de que só podem ter direito á herança dando á collação o que devem ao casal.

Quanto ao facto de eu ter ido a casa do sr. Vencesláu, é exacto, sendo inexacto que tenha ido armado, ameaçado e tirado á força os ditos bahus.

Lá fui cobrar uma vacca, a ultima que restava, que o sr. Vencesláu tinha pegado escondido e trazido para sua casa, tendo o

mesmo sr. dá-me voluntariamente os bairros a pagamento; os quaes recebi como um correctivo á tantos abusos desse sr. que, quando meo vaqueiro, no tempo que ainda possuia gados, sabio devendo-me 4 rezes, que não lhe ficará muito bonito se for proval-as em juizo...

Se hoje não tenho bens para inventario, srs. Alexandre e Dario, devo á infelicidade de ter casado-me com uma viuva cheia de filhas, com as quaes acabei os meos poucos haveres, sustentando e casando-as, vendo-me hoje na miseria quando mais precisava ter para socorrer-me na velhice.

Os srs. deviam ser mais justeiros e generosos para commigo, cujo estado não ignoravam.

Deviam-me ter poupado dizer estas verdades, produzidas em defesa de minha honra, vilipendiada por ss. ss. Com ellas não tenho em vista offender a susceptibilidade dessas senhoras, com quem são casados, as quaes ainda hoje considero, apesar da vilania de seus esposos.

Pela presente publicação me responsabilizo na forma da lei.

Telha, termo do Campo-maior, 14 de agosto de 1888.

Antonio Pereira d'Oliveira

**Manifestação de apreço.**

Illm. Sr. Capitão Henriqua Guilherme dos Santos, ex Inspector interino da Alfandega da Parnahyba.

Ninguém se torna digno de um qualificativo sem que o tenha conquistado. Elgiar e engrandecer a quem falta o merito é uma vilzão, é uma lisonja. Deixar de exaltar os bons sentimentos de um illustre campeão, mercador dos maiores encômios, era uma falta que devêra ser punida.

Isto posto, nós os vossos humildes collegas, reconhecendo em vossa pessoa um coração magnânimo, uma alma cheia de nobres sentimentos, quaes nobres são os vossos actos, não deviamos, por qualquer principio, deixar de mostrar-vos que somos dotados de sentimentos de gratidão, pondo em relevo os vossos dons invejáveis.

Ninguém mais que o nosso saudoso chefe interino conquistou, em tão curto tempo, tanta consideração; ninguém mais que vós ponde fazer brotar em tantos corações torrentes de sympathias; ninguém mais que vós mereceu uma corda tão brilhantemente tecida de saudades e recordações!

Sirva vos isto de gloria e esta gloria seja o pedestal de outras maiores conquistas.

O vosso zelo, amor ao trabalho, defesa dos interesses do fisco, bondade e lhaneza aos vossos subordinados, extrema affeição aos vossos semelhantes e respeito aos vossos superiores, tudo traçado pela prouta da justiça, são os vossos titulos, são os vossos brasões.

Prosiga o sr. Capitão Guilherme pela maneira que até então proceden entre nós que não lhe faltará uma universal admiração!

Nós o admiramos como chefe que foi; nós o consideramos como collega de classe; nós gravamos em nossos corações seu nome immaculado, como amigo particular.

Ninguém ha, pois, que ao ser privado de um homem como vós, não sinta a alma entristecer e o semblante annuviar-se. Em cada collega, ou em todos collectivamente, achareis um amigo grato.

Somos, com alta estima e consideração, vossos

- Amigos e Collegas.
- João Antonio da Silva
  - Egídio O. Prophirio da Motta
  - Pedro de Britto Tupinambá
  - Antonio A. da Rocha Tote
  - José Antonio de Miranda
  - João Baptista Ferreira Vasconcellos
  - Custodio do Rego Monteiro
  - José Domingues de Araujo Guimarães
  - Francisco Pereira da Silva Bastos
  - Cesar Collaço Candá Veras

Parnahyba, 7 de Agosto de 1888.

**GAZETILHA**

**O Imperador**

Chegou ao Rio, em boas condições de saúde, com toda comitiva, S. M. o Imperador.

Por esse acontecimento mandou s. exc. o sr. dr. presidente da provincia fechar ante-hontem e illuminar todas as repartições publicas.

**Promotor de Piracuruca**

Contra a expressa disposição do art. 85 do Reg. n. 4824 de 22 de novembro de 1871 e Aviso do ministerio da justiça de 11 de abril de 1876 reside de muito na Batalha e não em Piracuruca, sede da comarca, o promotor publico, tenente-coronel José Florindo.

Chamando a attenção do exm. sr. dr. Firmino Leicio para semelhante abuso, esperamos que s. exc. dará as necessarias providencias em ordem a fazer respeitada a lei por aquelle que se diz advogado da sociedade.

Sobre caso identico expedio o ministro da justiça, em 27 de julho ultimo, o seguinte aviso ao presidente do Ric Grande do Sul:

Illm. e Exm. Sr.—Approvando a decisão de v. exc., communicada em officio de 14 de maio ultimo, n. 1,844, pela qual autorizou o pagamento dos vencimentos do ex promotor publico da comarca do Vião, José Francisco Cidade, visto haver elle provado que effectivamente exercera o cargo, declaro a v. exc. que os promotores são obrigados pelo art. 85 do regulamento n. 4,824 de 1871 a residir na sede da comarca, e devm ser responsabilizados quando, sem autorização do presidente da provincia e approvação do governo, fixarem-se n'outra cidade ou villa — Deus guarde a V. Ex. — A. Ferreira Vianna.

**Por telegramma**

Sabe-se por telegramma o seguinte: —Foi nomeado presidente do Piahy o dr. Raimundo José Vieira da Silva

— Foi reconduzido no cargo de Juiz municipal de Amarante o dr. Porto. — Espera-se que sejam prorogadas ou convocadas as Camaras.

**Augusto Britto**

Foi nomeado administrador dos correios do Maranhão o sr. Augusto Cesar de Macedo Britto, antigo contador dessa repartição.

Não podia ser mais acertada a escolha do governo, por isso que o nomeado é um dos raros talentos e caracteres que honram sobremaneira a sua provincia natal. D'aqui saudamos cordialmente ao sr. Macedo Britto.

**Melhoramentos para a provincia**

O exm. sr. dr. Rezende acaba de obter, segundo nos communicam, do governo geral a importancia de 130.000\$000 reis, sendo 100.000\$000 para um ramal telegraphico, que partindo da Parnahyba toque em outras localidades do norte e 30.000\$000 para o arrampamento do porto desta capital.

**Rampa da Barrinha.**

Com assistencia de s. exc. o sr. vice-presidente da provincia inaugura-se hoje, ás 6 horas da tarde, a rampa do importante porto commercial da Barrinha. Durante o acto fara-se-ha ouvir a musica do corpo policial.

**Cavaco**

Por falta de espaço deixamos de publicar um artigo da Phalange Macedonia, respondendo á «Epoca» sobre negocios da Batalha, o que faremos no proximo n.º

**Nupcias**

Uniram-se, em Oeiras, pelos laços do hymineu o nosso presado amigo capitão Benjamin E. de Moraes Avellino com a exma. sra. d. Honorina Constança Avellino. Parabens.

**Dr. Clodoaldo Freitas**

Ainda não voltou do Brejo (Maranhão) para onde seguiu a passeio, este nosso distincto amigo e collega.

**Festa de N. S. do Livramento**

Segundo informações, que pod-mos obter, correu este anno animadissima, esplendida mesmo, a festa de N. S. do Livramento, graças aos esforços combinados do nosso presadissimo amigo, major Jacob de Almeida Freitas, sua extm. consorte, D. Lina de Almeida e o nosso virtuoso amigo, padre Alvaro José de Lima, digno vigario da freguezia da União.

A festa concorreu grande numero de pessoas das localidades circunvisinhas, principalmente desta capital, avidas por offerecer á Exceisa Padroeira dos livramenteses os perfumes da oração.

Como centro hospitaleiro de todo movimento nos bellos dias de festividade destacavam-se o palacete do nosso dito amigo Jacob de Almeida e a excellente casa do nosso amavel amigo, capitão Antonio Florencio da Costa, o patriarcha da localidade.

Uma excellente soirée, realizada em casa do major Jacob, iniciou as diversas reuniões particulares, que com os festejos religiosos, transformaram a pequena, mas elegante villa do Livramento, em um delicioso Eden.

O palacete, o mais rico da provincia, caprichosamente ornado, e envolvido em uma onda de luzes e de flores, ostentava-se maravilhoso no pitoresco quadro da villa.

A soirée durou até 3 horas da madrugada, quando retiraram-se os convivas assaz tnebrados pelas intimas expansões de tão aprazivel noite.

Posteriormente offereceu o major Jacob aos nossos prestimosos amigos, capitão Marino Gil e sr. Urbano Burlamaque C. Branco um lau' o almoço, que durou, na mais ampla cordialidade, até 3 horas da tarde.

Em breves e eloquentes palavras explicou o sr. major Jacob o motivo do banquete, terminando por brindar calorosamente te aos dons distinctos cavalheiros, a quem era offerecido.

Seguraram-se diversos brindes e entre elles: —do dr. Urbano e capitão Mariano ao major Jacob; do rvm. padre Alvaro ao dr. Urbano e deste ao mesmo rvm.; do tenente-coronel Barbosa ao dr. Urbano; do sr. João Pertigão ás tres familias — Almeida, Gil e Gayoso; do dr. Urbano ao tenente-coronel Barbosa, capitão Florencio e dr. Jacob; e do dr. João Gayoso ao bello sexo.

O serviço do banquete foi opulento e bem feito.

**Chegada**

De S. Luiz do Maranhão voltou a esta capital o nosso presadissimo amigo, capitão Salomão Baumann, a quem cumprimentamos.

**Estada**

Está nesta cidade o nosso particular amigo, capitão Bronzolino de Araujo. Comprimentamol-o.

**Partida**

Para Campo-maior seguiu o nosso presado amigo, capitão João Pacheco, que esteve alguns dias nesta capital. Boa viagem.

**CARAPUÇAS**

Dizia grave um casquinho Que só andava de preto: —É este o trajar que indica A gravidez do sujeito.

Respondeu lhe uma menina, Do debique no excesso: —Faça logo um facto branco Para depois do successo!

**Pancriacio.**

**Annuncios**

**Caixeiro**

Quem precisar de um caixeiro com bastante pratica de balcão, nesta typographia indique-se a pessoa com quem deve tractar.

**DENTRIFICIOS**

**PADRES BENEICTINOS**



**ACABARAM-SE AS DORES DE DENTES.**

Aos DENTRIFICIOS dos R. R. P. P. Benedictinos da Abbadia de Soulac (Gironde) deve-se esta notavel conquista a medicina.

Conhecedores, em tempo mui remoto, de segredos que ainda hoje não poderam ser penetrados, os padres das diversas comunidades fizeram, graças aos esforços do trabalho e á actividade de cerebros verdadeiramente geniais, descobertas maravilhosas e, o que é mais, fertilissimas em resultados praticos. De entre os Carmellitas sahio o importante remedio que ainda hoje conserva o nome dos seus descobridores. Copernico explica ao mundo pasmo a harmonia do novo systema planetario; Bartholomeo de Gusmão applica ao ar a lei da destocação dos liquidos, descoberta por Archimedes, e faz singrar o ar o primeiro balão. Mui-to antes de todos estes, o padre Pierre BOURSAUD, Prior Benedictino, que vivia em 1373, descobrio o maravilhoso ELLIXIR DENTRIFICIO, que ainda hoje é o alivio da humanidade soffradora.

**UM MAU DENTRIFICIO**

**DESTROE OS DENTES**

As dores de dentes e o mau aspecto q os dentes tem, chamaram a attenção do Reverendissimo Padre Pierre Boursaud, Prior da Abbadia de Soulac (Gironde).

Este illustre Chimico descobrio um poderoso elixir, que desde o anno de 1363 tem prestado relevantes serviços á humanidade.

Impede que os dentes fiquem esbrançados, impede a produção da cárie, dando-lhes brilho, resistenciú a assim evitando as causas das teneias o dentes.

O seu uso, quando diario, é a unica garantia para que possamos conservar nossos dentes até a velhice.

**PRODUCTS DOS REVERENDOS PADRES BENEICTINOS.**

POS DENTRIFICIOS dos Reverendos P. P. Benedictinos

PASTA DENTRIFICA dos Reverendos P. P. Benedictinos.

ELIXIR DENTRIFICIO dos Reverendos P. P. Benedictinos

Os Dentrificios dos R. R. P. P. Benedictinos, sem cujo uso são impossiveis á belleza, á graça, á elegancia, vendem-se nesta provincia nos estabelecimentos dos Srs.

- |                           |           |
|---------------------------|-----------|
| José Pereira Lopes        | Theresina |
| Manoel Raimundo da Paz    | •         |
| O'Donnell do Alnear       | •         |
| Domingos R. de Azevedo    | •         |
| Antonio G. P. Portellada  | •         |
| João da Cruz & Irmão      | •         |
| José Felix Alves Pacheco  | •         |
| Salomão Baumann           | •         |
| Franklin V. & Comp.       | Parnahyba |
| Feliciano V. & Comp.      | •         |
| Felippe Gomes Neves       | •         |
| Gonçalves & Filhos        | Amarante  |
| Theodoro da Silva Ribeiro | •         |
| José Ribeiro Gonçalves    | •         |

**W. CADE & CO'S**

**CIDRA-CHAMPANHA**

**ESTD 1801.**

**PODE SE SUPPRIR EM CAIXAS OU CIGOS &C.**

**ORDENS EXECUTADAS POR INTERMEDIO DE NEGOCIANTES EM INGLATERRA**

**LIVERPOOL.**